

AS PROJEÇÕES ESTILÍSTICO-COMPOSICIONAIS DO GÊNERO JORNALÍSTICO *CARTA AO LEITOR*¹

Inglyde Jeane da Silva²
Jociane da Silva Luciano³
Maria da Guia de Araújo⁴

RESUMO: Este artigo, desenvolvido sob a perspectiva dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas atuais em Análise Dialógica de Discurso, objetiva apresentar considerações teórico-metodológicas sobre as inter-relações entre discurso, enunciado e gênero do discurso, bem como investigar como o dialogismo se materializa no gênero *carta ao leitor*. Para tanto, selecionamos dez (10) exemplares do referido gênero, retirados da revista *Veja* impressa, durante os meses de setembro a dezembro de 2010 e janeiro a abril de 2011. Compreendemos a partir dos resultados obtidos que o objeto de discurso e as diversas projeções estilístico-composicionais materializam-se no gênero *carta ao leitor* para assim significarem e direcionarem efeitos de sentidos nas diferentes situações de interação. Acreditamos na relevância do trabalho, à medida que não apenas contribui para a consolidação de pesquisas bakhtinianas na Linguística Aplicada e na Linguística, como também, corrobora a importância da compreensão das práticas discursivas que perpassam nossas interações cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: gênero *carta ao leitor*; revista *Veja*; análise bakhtiniana.

ABSTRACT: This paper developed by Bakhtin's Circle dialogical perspective of language studies aims at presenting the stylistic and compositional projections of the letter to the readers discourse genre. To do so, we selected about ten (10) examples of this journalistic discourse genre from *Veja* magazine during the period of December, 2000 to April, 2011. The paper is relevant because not only contributes to the development of studies concerning journalistic discourse genres as well as the collaborates to the consolidation of a dialogical discourse analysis in the Applied linguistic scientific field.

KEY-WORDS: letter to the readers discourse genre; *Veja* magazine; Bakhtin's dialogical analysis.

¹ Trabalho integrado aos projetos desenvolvidos pelo GEID - Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Discurso, e orientado pelo Prof. Rodrigo Acosta Pereira. Professor de Linguística/Língua Portuguesa do Departamento de Ciências Sociais e Humanas do CERES/Curso de Letras/UFRN. Pesquisador integrante das bases de pesquisa *Práticas Linguísticas Diferenciadas* (UFRN/CERES/DCSH), *Letramento e Etnografia* (UFRN/DL/PPgEL) e *Os Gêneros do Discurso: Práticas Pedagógicas e Análise de Gêneros* (UFSC/PGLg). Atualmente integrante do NELA – Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada da UFSC.

² Graduanda do curso de Letras da UFRN/CERES/Currais Novos e bolsista PROEX.

³ Graduanda do curso de Letras da UFRN/CERES/Currais Novos e bolsista PROGRAD.

⁴ Graduanda do curso de Letras da UFRN/CERES/Currais Novos e bolsista PROEX.

1 Introdução

Interagimos na vida social por meio de enunciados, que nas mais diversas esferas e práticas interacionais relativamente se estabilizam na forma de gêneros do discurso. Os gêneros, além de regularizarem nossas práticas interativas, também as significam. Sob essa perspectiva, pesquisas atuais no campo da Linguística Aplicada e da Linguística, buscam compreender o papel dos gêneros do discurso na mediação, na significação e na relativa estabilização de nossas práticas sociais (ACOSTA-PEREIRA, 2008; ACOSTA-PEREIRA & RODRIGUES, 2010; BRAIT, 2005; 2006; MIOTELLO, 2007; RODRIGUES, 2001; 2005; ROJO, 2005; SILVA, 2009). A presente pesquisa baseia-se nas postulações do escritos de Bakhtin e o Círculo⁵ (BAKHTIN, 1998; 2000; 2003; 2006) e nas pesquisas atuais em Análise Dialógica do Discurso, e procura compreender, sob essa perspectiva, a dimensão verbo-visual do gênero *carta ao leitor* a partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade.

O nosso estudo tem como objetivo, portanto, retomar os estudos bakhtinianos sobre gêneros do discurso, texto-enunciado e, dialogismo e entender a dimensão verbo-visual do gênero *carta ao leitor* na esfera do jornalismo de revista impresso. O artigo se organiza da seguinte maneira: primeiramente, a introdução, que apresenta os estudos prévios na área, o referencial teórico, bem como os objetivos da pesquisa. Na segunda seção, desenvolvemos o referencial teórico, buscando compreender o texto-enunciado, os gêneros do discurso, as esferas de atividades e por fim o dialogismo. A terceira seção, explica a metodologia de análise e a quarta seção, os resultados da investigação. Por último, propomos as nossas considerações finais.

2. O texto-enunciado

O uso efetivo da língua se dá na forma de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, que são proferidos por uma ou outra esfera da atividade humana. O enunciado na perspectiva dos escritos do Círculo e à luz da Análise Dialógica do Discurso é compreendido

⁵ *Círculo de Bakhtin* é a denominação atribuída pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov, Medvedev. Bakhtin faleceu em 1975, Voloshinov, na década de 1920 e Medvedev, provavelmente, na de 1940.

como “a unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2003, p.293). O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma, quaisquer que sejam o volume, o conteúdo e a composição, os enunciados sempre possuem como unidade da comunicação verbal, características que lhe são comuns, e acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas. Além disso, um enunciado nunca se repete, pois é um evento único, ele pode até ser citado, mas nunca será o mesmo já que cada falante o enuncia em um contexto social-cultural e ideológico diferente.

Bakhtin (2003) apresenta três características do enunciado, que fazem com que este seja um enunciado e não uma oração. Estas dizem respeito à *alternância dos sujeitos do discurso*, em que cada enunciado, possui um início e um fim absolutos, que o delimitam dos outros enunciados; à *expressividade*, na qual o enunciado é a instância da expressão da posição valorativa do seu autor frente ao objeto do seu discurso e aos outros participantes da comunicação discursiva e seus enunciados. O momento expressivo está presente em todos os enunciados, pois não pode haver enunciado neutro, a expressividade é uma característica do enunciado, não é uma propriedade da língua sistema; e à *conclusividade*, que representa a manifestação da alternância dos sujeitos discursivos vista do interior do enunciado, o interlocutor toma uma postura de resposta em relação ao enunciado do outro porque percebe o *dixi* conclusivo do falante, essa percepção se dá a partir de três fatores interligados: o tratamento exaustivo do objeto e do sentido; a intencionalidade do falante e as formas dos gêneros do discurso.

O tratamento exaustivo do tema do enunciado varia profundamente conforme as esferas da comunicação verbal. Teoricamente, o objeto é inesgotável, porém, quando se torna tema de um enunciado, recebe um acabamento relativo, em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, do material, dos objetivos por atingir, ou seja, desde o início ele estará dentro dos limites de um intuito definido pelo autor.

Em qualquer enunciado, capta-se, compreende-se, sente-se o intuito discursivo ou o querer-dizer do locutor que determina o todo do enunciado, sua amplitude, suas fronteiras. O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto de sentido, para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vinculada à situação concreta da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. É por isso que os parceiros diretamente implicados em

uma comunicação, conhecedores da e dos enunciados anteriores, captam o querer-dizer do interlocutor, e, às primeiras palavras do discurso, percebem o todo do enunciado em processo de desenvolvimento.

O quer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso, essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática, do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma de gênero determinado. Por conseguinte, é de fundamental importância compreender que os enunciados são inseparáveis de sua situação de interação, ou seja, as significações comunicativas não são fixas ou impermeáveis, mas são essencialmente sociais. “Significação e interação funcionam conjuntamente” (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p. 11).

A esse respeito Bakhtin afirma que,

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores), mas dentro dessas fronteiras, o enunciado, reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes os próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural). (BAKHTIN 2003, p. 319)

Rodrigues (2005) traz em seu texto os dois polos de compreensão do texto em Bakhtin (2003), para compreendermos melhor a discussão do Círculo sobre o texto-enunciado. Para Rodrigues (2005), há de um lado, os elementos repetíveis e reproduzíveis do texto (a língua como sistema de signo, o texto como unidade coerente de signos); e de outro, o texto na sua qualidade de enunciado (que embora inerente ao texto só se manifesta na situação social e em relação com outros textos numa relação dialógica, em dada esfera).

Segundo Bakhtin (2003), os aspectos que determinam um texto como sendo um enunciado é o seu projeto discursivo (o autor e seu querer dizer); e a realização desse projeto (a produção do enunciado vinculada às condições/coerções da situação de interação e a sua relação com os outros enunciados; o dado da situação social de interação, da língua, do gênero).

3. Os gêneros do discurso e as esferas de atividades

Como já dito na seção anterior, segundo Bakhtin (2003), a utilização da língua realiza-se na forma de enunciados (orais e escritos e, podemos acrescentar, de outra semiose) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes dessa ou daquela esfera de atividade humana. Para ele, esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo por meio do conteúdo temático, estilo, que envolve a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e por sua construção composicional. Além disso, Bakhtin concebe que cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados denominados de gêneros do discurso. Esses enunciados vão diferenciando-se, ampliando-se e variando à medida que a própria esfera desenvolve-se e fica mais complexa. Nesse sentido, os gêneros do discurso apresentam uma extrema heterogeneidade, uma vez que, são fluídos, plásticos e dinâmicos.

Perante tamanha heterogeneidade, Bakhtin (2003) investiga os gêneros denominados de primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários são os que estão engendrados por ideologias do cotidiano, enquanto que os gêneros secundários estão atravessados por ideologias sistematizadas. Sendo assim, os gêneros primários constituem-se na comunicação discursiva imediata estando mais voltados para a oralidade (mas não restritos a ela), enquanto que os gêneros secundários aparecem nas condições da comunicação cultural mais complexa, organizada e geralmente escrita (mas não restrito a ela). Para Bakhtin, “os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc., - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica.” (BAKHTIN, 2003, p. 281)

Bakhtin (2003), a esse respeito, esclarece que as esferas sociais podem ser entendidas como, por assim dizer, um princípio organizador dos gêneros do discurso, à medida que tais esferas produzem enunciados com seus temas e estilos específicos que, por conseguinte, lhe são próprios. Rodrigues (2005) nos explica que,

Cada esfera social, com sua função sócio-ideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa etc.) e suas condições concretas específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico etc.), historicamente formula na/para a interação

verbal, determinados gêneros discursivos, que lhes são específicos.
(RODRIGUES, 2005, p.164)

Nesse sentido podemos compreender que cada campo pressupõe práticas de interações que se constroem mediadas por gêneros específicos. Sendo assim, podemos entender que há uma grande variedade de gêneros na sociedade, distintos entre si, criados pelos diferentes tipos de intercâmbio comunicativo social, como, por exemplo, na esfera do trabalho, na esfera íntima, na esfera literária e na esfera jornalística. Desse modo são as esferas que organizam e agrupam os gêneros que são específicos de cada uma. Em relação à esfera do jornalismo, campo de produção e circulação do nosso objeto de estudo, o gênero *carta ao leitor*, Acosta-Pereira (2008) pontua que,

A esfera social do jornalismo impresso é absorvida por valores instituídos de ideologias que regulam, estabilizam e legalizam diversas situações sociais mediadas por esses gêneros. O campo social do jornalismo impresso, portanto, carrega consigo índices sociais de valor que não apenas influenciam na relativa estabilização dos enunciados que se tipificam nessa esfera, como legalizam e regularizam as demais formas de adaptação dos enunciados [...] (ACOSTA PEREIRA, 2008, p. 73).

É a partir desses pressupostos teóricos, que consideramos pertinente a compreensão dos gêneros do discurso, entendidos por Bakhtin, como tipos relativamente estáveis de enunciados, bem como das esferas de atividade humana como princípio organizador dos gêneros, na medida em que proporciona informações pertinentes para o entendimento da análise do gênero *carta ao leitor*.

4. Relações dialógicas

Ao tecermos nossos fios dialógicos, implica-nos estar engendrados na linguagem sob sua natureza sócio-histórica e ideológica, ou seja, estarmos a todo instante imersos no fenômeno social da interação verbal. De acordo com Bakhtin (2003, p. 123) “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” Essa concepção de linguagem vista como interação

verbal, Bakhtin (2003) denomina de caráter dialógico, pois, para ele, qualquer expressão é socialmente organizada, como também direcionada ao outro,

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (2003, p. 294-295)

Dessa forma, para Bakhtin (2003, p.300), “o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez”, mas, “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003, p. 297), ou seja, esses ecos e ressonâncias configuram, para a teoria bakhtiniana, a ideia de que não existe discurso neutro nem fala individual, por mais monológicos que sejam, não deixam de ser uma resposta àquilo que já foi dito (os já-ditos), e sempre são dirigidos a alguém, demandam respostas.

Cada enunciado em sua situação concreta funciona como uma resposta aos enunciados precedentes, essa resposta “os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta.” (BAKHTIN, 2003, p. 297). A partir dessas situações enunciativas, ocorrem as relações dialógicas, relações essas que se materializam na interação com o outro e na alternância dos sujeitos do discurso. Nesse sentido, o outro desempenha um papel fundamental no nosso discurso, e é participante ativo da comunicação discursiva, pois “desde o início o falante aguarda a resposta deste, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta.” (BAKHTIN, id., p. 301)

Outra questão para a compreensão de como se concretizam as relações dialógicas é entender que, de acordo com Bakhtin (2008, p. 210), as relações lógicas são alheias a essas relações, mas para que essas se tornem relações em sua essência dialógica, devem materializar-

se, ou seja, devem passar do campo abstrato de existência para tornar-se discurso e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa,

Nesse sentido, todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado. As formas dessa autoria real podem ser muito diversas. Uma obra qualquer pode ser produto de um trabalho de equipe, pode ser interpretada como trabalho hereditário de várias gerações, etc., e apesar de tudo, sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personificada toda enunciação à qual reage. (BAKHTIN, 2008, p.210)

Em concordância com Bakhtin (2008, p. 210-211), as relações dialógicas são possíveis não apenas entre discursos integrais, mas elas são possíveis em qualquer parte significativa do enunciado, até mesmo a uma palavra isolada, representando esta o enunciado do outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. Essas relações também “são possíveis entre os estilos da linguagem, os dialetos sociais, etc., outra possibilidade de relações dialógicas é consolidada na própria enunciação como um todo com partes isoladas desse todo e com uma palavra isolada nele.” (BAKHTIN, 2008, p. 211)

As relações dialógicas das “palavras do outro na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais⁶,” (BAKHTIN, 2008, p. 223). Desse modo, essas tomam um sentido divergente, “passam a variar acentuadamente, o discurso orientado para um único fim pode converter-se em discurso orientado para diversos fins, a dialogação interna pode intensificar-se ou atenuar-se [...]” (BAKHTIN, 2008, p. 228), ou seja, em função de seu caráter bivocal, o autor constrói suas intenções por meio do plano discursivo do outro, desse modo, as metas do autor são estilizadas nesse discurso. Não há uma tensão entre o autor e suas intenções na voz do outro, já que esse autor reveste de significação o discurso do outro com base nos fins que deseja alcançar e nisso se constitui a dialogização interna.

Portanto, é a partir dessas relações dialógicas que os gêneros são construídos, pois estes atendem tanto a dimensão verbal, quanto à social (extraverbal), e dessa forma os enunciados se

⁶ Sobre o *discurso bivocal*, Acosta-pereira (2008, p.39) pontua que: “Bakhtin apresenta aspectos sobre autoria e discursividade bivocalizada. O discurso bivocal é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano do discurso, especificando que o discurso bivocal orienta-se para o objeto do discurso como também para o discurso do outro.”

constroem nessa ligação de alternância entre os falantes, da posição valorativa para por fim materializar-se na composicionalidade típica de cada gênero, e assim, “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”. (BAKHTIN, 2003, p. 301)

5. Metodologia

Para Bakhtin (1995, p.123) “qualquer enunciação por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta”. Porém, essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora do vínculo com a situação concreta, a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução, pois, graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal, dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar.

As unidades reais da cadeia verbal são as enunciações, mas, para estudar as formas dessas unidades, convém não separá-las do seu curso histórico. Enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal. O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior, as dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório.

O estudo acerca do gênero *carta ao leitor* baseia-se no método sociológico da linguagem do Círculo de Bakhtin. As considerações metodológicas de análise da linguagem postuladas por Bakhtin (1995, p.126-127) seguem os passos a seguir:

- a) estudar as formas da língua e as situações de interação verbal a partir das condições sociais em que se realizam essas formas e essas situações;
- b) investigar as formas dos diferentes enunciados em ligação com a situação de interação de que constituem seus elementos;
- c) examinar, a partir daí, as formas da língua na sua interpretação habitual.

Sob esse panorama sociológico, Rodrigues (2001) apresenta a proposta de análise dos gêneros do discurso a partir de suas dimensões social e verbal, contudo no presente estudo, investigaremos apenas a dimensão verbo-visual da *carta ao leitor*. Quanto à análise desta dimensão do gênero, Rodrigues (2001) pontua que estudemos seu conteúdo temático; seu estilo e suas projeções dialógico-estilístico-composicionais; sua arquitetônica e composicionalidade; dentre outros aspectos enunciativo-discursivos do gênero.

Assim, a metodologia bakhtiniana busca compreender as regularidades enunciativo-discursivas que engedram e se engendram na constituição e no funcionamento do gênero do discurso, objetivando entender a relativa estabilização linguístico-enunciativa desse gênero, e procurando reafirmar que “estas regularidades são devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica” (ROJO, 2005, p. 199).

Entendendo que a presente investigação, baseia-se também, nas atuais pesquisas em Análise Dialógica do Discurso, vale ressaltar que esta busca compreender a “indissolúvel relação entre língua, linguagem e sujeitos” historicamente situados (BRAIT, 2006, p.10). Ainda segundo Brait, a ADD objetiva:

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade linguística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (2006, p. 13-14)

Outra questão importante é o fato de que uma análise de gênero sob a perspectiva da ADD não apresenta categorias pré-estabelecidas; o tratamento investigativo sobre gêneros sob o escopo da ADD requer do pesquisador um caminho exaustivo de “idas e vindas” acerca do *corpus*, haja vista seu caráter heterogêneo, polifônico, pluriestilístico, interdiscursivo e dialógico. (ACOSTA-PEREIRA, 2008)

O *corpus* da presente investigação é constituído de 10 exemplares do gênero *carta ao Leitor*, publicados na revista *Veja* impressa, entre os meses de setembro de 2010 a abril de 2011, a partir do qual se pretende compreender a funcionalidade e composicionalidade desse gênero. Escolhemos a revista *Veja* por esta ser uma revista de circulação nacional, que possui uma grande representatividade jornalística em relação às demais e apresenta ainda um número de circulação extremamente superior. Outro ponto determinante para a escolha é o fato de esta apresentar uma tiragem semanal, o que nos possibilita um maior número de exemplares em um curto período de tempo.

Ainda, acerca de dados específicos sobre a circulação da revista, retomamos as explicações de Bakhtin (2003, p. 302) acerca da concepção de destinatário:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo de cultura da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (2003, p. 302).

Sob esse contexto, o público-leitor dessa revista (ROHLING DA SILVA, 2009) é formado por pessoas na faixa etária entre 24 e 40 anos, a maioria residente na região Sudeste do país, pertencentes às classes sociais A e B, o que remete que possuem um nível social e escolar elevados (a maioria com ensino superior). Segue abaixo para facilitar a compreensão acerca das análises, a tabela contendo todos os dados sobre as cartas que serão analisadas:

Título da Carta	Página	Edição	Ano da revista e número	Data de publicação
No encaço dos terroristas (CL01)	15	2211	Ano 44; nº 14	6 de abr. 2011
Um dragão como herança (CL02)	12	2204	Ano 44; nº 7	16 de fev.2011
Sobre a cabeça de	13	2182	Ano 43; nº 37	15 de set. 2010

Lula (CL03)				
Hora de unir o Brasil (CL04)	14	2190	Ano 43; n° 45	10 de nov. 2010
Os sinais de alerta (CL05)	16	2193	Ano 43; n° 48	1 de dez. 2010
A opressão em nome do bem (CL06)	13	2205	Ano 44; n° 8	23 de fev. 2011
Falta indignação (CL07)	14	2183	Ano 43; n° 38	22 de set. 2010
Às estrelas e além... (CL08)	15	2204	Ano 44; n° 7	16 de fev. 2011
Sócios, mas para o bem do país (CL09)	13	2199	Ano 44; n° 2	12 de jan. 2011
Da proibição ao abuso (CL10)	13	2202	Ano 44; n° 5	2 de fev. 2011

Tabela 01: O universo dos dados da pesquisa.

Com base nessas considerações teórico-metodológicas, objetivamos analisar na seção seguinte o conteúdo temático, as relações dialógicas e as projeções-estilístico-composicionais, presentes no gênero em estudo, considerando os recursos da língua utilizados e recortados axiologicamente.

6. Análises e Resultados

O objeto geral dessa seção é apresentar a análise das regularidades estilístico-composicionais da dimensão verbo-visual do gênero *carta ao leitor* do jornalismo de revista impresso, sob a perspectiva do dialogismo. A análise tem o foco em dois pontos principais: o objeto do discurso e as suas projeções estilístico-composicionais. Para tanto, revisitamos conceitos, categorias e fundamentações dos escritos do Círculo de Bakhtin e das investigações atuais no campo da Análise Dialógica de Discurso para entender a discursividade do gênero, sua constituição e seu funcionamento.

Nesta seção, portanto, inicialmente, retomamos a situação social de interação da *carta ao leitor* por meio de discussões que se orientam para seu horizonte temático, assim como para as relações dialógicas que orientam seu(s) sentidos(s). Por fim, apresentamos as projeções

estilístico-composicionais (verbais/linguageiras) do gênero, a partir da identificação das regularidades relativamente estáveis deste na esfera social do jornalismo impresso.

6.1 O objeto de discurso do gênero *carta ao leitor* da revista *Veja*

Podemos afirmar que o horizonte temático (o tema) do enunciado refere-se ao seu objeto de discurso e determinados sentidos (a partir de relações entre outros enunciados) que nesse enunciado se materializam. Com isso, para Bakhtin (2003), os gêneros apresentam-se engendrados em horizontes temáticos específicos que se definem a partir das inter-relações entre objeto e projeto discursivos, orientações e posicionamentos de sentidos e posições dos interlocutores.

Em relação às *cartas ao leitor* da revista *Veja*, o horizonte temático destas caracteriza-se por enunciar acontecimentos do momento histórico atual, sobre o plano sócio-político-econômico. A contemporaneidade midiática identifica o acontecimento e o reênuncia para a construção discursiva.

Sob essa perspectiva, as *Cartas ao leitor* discursivizam objetos que dizem respeito aos horizontes abaixo:

(1) Terrorismo

Ex. 1: Em março de 2003, VEJA revelou que o chefe da organização Al Qaeda, Osama bin Laden, o terrorista mais procurado do mundo, entrara clandestinamente no Brasil em 1995. (CL01).

(2) Economia

Ex. 2: A ganância, como sempre, foi ainda maior em 2010, ano eleitoral, quando as despesas do governo federal cresceram 15% acima da inflação, chegando a 700 bilhões de reais. (CL02)

(3) Saúde

Ex. 3: A ANVISA já tirou analgésicos das prateleiras das farmácias e agora quer restringir a propaganda de biscoitos e refrigerantes. (CL06)

(4) Personalidades/Pessoas famosas

Ex. 4: Saldanha é atualmente o brasileiro mais poderoso em Hollywood e um dos mais celebrados criadores do cinema de animação com uso intensivo de potentes computadores. No começo dos anos 90, quando decidiu que seu destino seria trabalhar com computação gráfica, Saldanha, vindo de uma família de finanças limitadas, mal tinha 20 anos. (CL08)

(5) Política

Ex. 5: A publicação da reportagem a vinte dias do primeiro turno das eleições fará brotar acusações de que o objetivo é prejudicar a candidata oficial, Dilma Rousseff. (CL03)

Ex. 6: Os estados em vermelho são aqueles cuja população votou majoritariamente em Dilma Rousseff; os coloridos em azul são os que deram mais votos a José Serra. A petista ganhou do tucano na proporção de 56% a 44%. (CL04)

Ex. 7: Uma reportagem desta edição de VEJA mostra que a indicação dos ministros econômicos pela presidente eleita Dilma Rousseff obedece a uma lógica de duas vertentes. A primeira é que Dilma não quer ministro de proteção estelar nem fiadores de estabilidade. (CL05)

Ex. 8: O mais provável é que, não fosse sua ex-chefe Dilma Rousseff a candidata petista, o escândalo protagonizado por Erenice seria mais uma vez metabolizado pelo governo Lula, enterrado sob eufemismo. (CL07)

Ex. 9: Sócios só na vitória? O aliado PMDB abriu os trabalhos na aurora do governo da petista Dilma Rousseff exigindo mais cargos com orçamento bilionário para seus integrantes, e usando como arma de convencimento o boicote a uma votação de interesse nacional no congresso, a que define o valor do salário mínimo. (CL09)

Ex. 10: O eixo principal da Assembleia Constituinte de 1988 visava a varrer da Carta o que então se chamava de “entulho autoritário”, dispositivos que permitiram ao regime militar funcionar ostentando uma fachada da legalidade. Foram para o triturador da história a eleição indireta para presidente, governadores e prefeitos de capitais, o cerceamento da imprensa nos períodos eleitorais e os constrangimentos à organização sindical. (CL10)

A partir do levantamento dos horizontes temáticos que as cartas selecionadas apresentam, observa-se que há uma variação de temas, contudo estas possuem um direcionamento temático voltado principalmente para a “política”, tema mais recorrente nas análises. Isso se dá porque, como especificamos mais acima, o público leitor da revista é composto por pessoas de classes sociais elevadas e escolarizadas, assim, as questões sociais que dizem respeito à política afetam essas classes e dizem respeito aos seus interesses, com isso a revista busca atender os interesses específicos dos seus leitores.

6.2 Atravessamentos dialógicos entre horizontes temáticos

As ressonâncias temáticas (ACOSTA-PEREIRA, 2008) caracterizam-se pelos cruzamentos ou atravessamentos de temas que se engendram no discurso do gênero. A

heterogeneidade é constitutiva do horizonte temático, à medida que os cruzamentos de temas são, em adição, estratégias de construção das informações, legitimando-as, regularizando-as e valorando-as na materialidade do gênero. Ou seja, os entrecruzamentos temáticos exercem um papel legalizador, apresentam-se como discursos regularizadores das informações, à medida que consubstanciam o tema tratado (apresentando outras informações ou dados coerentes ao assunto em questão).

Como exemplo de *cartas ao leitor* que possuem entrecruzamentos de temáticas, sendo construídas por temas enquanto discursos regularizadores (ACOSTA-PEREIRA, 2008), podemos destacar:

(a) A carta *Um dragão como herança* (CL02), apesar de ter como tema central a ‘economia’, pode-se verificar um atravessamento de tema relativo à ‘política’, pois a todo o momento o autor-criador remete os dados financeiros e econômicos ao governo de Lula e da atual presidente Dilma Rousseff. Como no exemplo:

Ex. 1: A presidente Dilma Rousseff foi beneficiada eleitoralmente pelo clima de festa na economia, mas pode alegar que já estava fora do governo quando as decisões mais irresponsáveis foram tomadas.

(b) A carta *Sobre a cabeça de Lula* (CL03) como o próprio título nos diz fala sobre ‘política’, mas apresenta suas informações com o cruzamento temático relativo à ‘ética’, valor moral este que os políticos do nosso país não estão se utilizando. Vejamos o exemplo:

Ex. 2: Fossem os tempos que correm menos relativos em termos éticos, isso bastaria para deixar clara a inadequação do arranjo familiar montado no ministério mais próximo de Lula e mais poderoso da hierarquia administrativa do país.

(c) A carta *A opressão em nome do bem* (CL06) categorizada como pertencente à temática da ‘saúde’, apresenta ressonâncias do tema ‘cidadania’, na qual a decisão da ANVISA de tirar os analgésicos dentre outras coisas das prateleiras das farmácias e supermercados, atinge o poder do cidadão de decidir sobre suas próprias vontades. Vejamos o exemplo:

Ex. 3: A ANVISA já tirou analgésicos das prateleiras das farmácias e agora quer restringir a propaganda de biscoitos e refrigerantes. São ações que traem a visão de estado tutor que infantiliza os cidadãos, desmoraliza os médicos responsáveis e cerceia livre-iniciativa.

(d) A carta *Da proibição ao abuso* (CL10) também apresenta cruzamento de tema relativo à ‘economia’, tema este que se inter-relaciona com a política. O objetivo do autor-criador é tratar da política, porém ele se utiliza de falhas na economia decorrente do mau comportamento dos políticos, para sustentar e valorar sua palavra. Vejamos:

Ex. 4: Ao se aposentar aos 65 anos, um trabalhador brasileiro embolsa apenas 60 centavos de cada real com que ele contribuiu para a Previdência. Jorge Viana, o petista ex-governador do acre, um dos casos relatados pelos repórteres da revista, aposentou-se aos 48 anos, embolsando 28 reais para cada real com que contribuiu.

Dessa forma, apreender o horizonte temático e as diferentes inter-relações dialógicas que se constroem na instância do gênero, é compreender a primeira visada (projeto discursivo) das diversas que se conjugam à constituição e ao funcionamento da *carta ao leitor*. Outra questão que se observa é que os entrecruzamentos (ressonâncias, cruzamentos ou atravessamentos) temáticos estão intimamente relacionados com os efeitos de credibilidade ou efeitos de verdade que o discurso da carta objetiva alcançar, como Acosta-Pereira (2008) também verifica no gênero *notícia*. A busca por autenticidade, legitimidade e veracidade apresentam-se como objetivos centrais das cartas. Com isso, as ressonâncias temáticas que resultam dos diversos cruzamentos de temas que se engendram nesse gênero, são procedimentos ou estratégias de construção desses efeitos.

6.3 As relações dialógicas nas *cartas ao leitor*

O horizonte temático do gênero está orientado para e pelos sentidos que se entrecruzam – os outros enunciados; os enunciados do outro – o que se relaciona ao engendramento das relações dialógicas no seu funcionamento discursivo. No que remete às relações dialógicas com o discurso do outro, o gênero em estudo será analisado mediante os seguintes passos: a) o discurso direto, indireto e bivocal; b) relações entre estilos de linguagem; c) sentido de valores ou discursos em confronto; e (d) a antecipação da reação-resposta do outro.

6.3.1 Discurso direto

Para Bakhtin (2006) o discurso direto é uma forma de polifonia, sendo simultaneamente “um discurso sobre um discurso, uma enunciação sobre uma enunciação” (2006, p. 147).

Vejam os:

Ex. 1: O Brasil não é Inglaterra, mas, para um país que, como disse Dilma no discurso de posse, “*se vê na possibilidade real de se tornar uma nação desenvolvida*”, a coabitação inglesa tem algo a ser observado. (CL09).

Ex. 2: “*Os novos integrantes da equipe econômica ecoaram as diretrizes da presidente. Vamos ter de fazer mais e melhor com menos*”, disse Mirian Belchior, a futura ministra do planejamento. (CL05).

6.3.2 Discurso indireto

Para Bakhtin (1995), o discurso indireto ao ser enquadrado no discurso do autor-criador adquire determinado relevo, sendo, portanto, revalorado.

Ex. 3: De acordo com a Polícia Federal, *não é improvável que extremistas islâmicos possam protagonizar atentados durante a realização de tais eventos no Brasil*. (CL01).

Ex. 4: Um empresário do setor aéreo contou *como conseguiu contratos de 84 milhões de reais nos Correios mediante a intervenção direta de Erenice Guerra, a cuja presença ele foi levado pelo filho*. (CL03).

6.3.3 Discurso Bivocal

O discurso bivocal surge inevitavelmente sobre as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra. Para Bakhtin (2008), as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais. Vejamos o excerto:

Ex. 5: Empresários que desfrutaram da confiança de Israel e Erenice contam que a ministra participa de reuniões com clientes do filho e se compromete a abrir portas. (CL03).

6.3.4 Relações entre estilos de linguagem

As relações dialógicas entre estilos de linguagem dizem respeito à busca pela formalidade ou pela informalidade, variações linguísticas e à pessoalização. Nas cartas analisadas, observamos que a maioria delas traz uma linguagem formal, até mesmo porque os interlocutores da instituição são pessoas que têm um nível escolar elevado. A informalidade se dá apenas em

alguns casos, onde o autor-criador utiliza-se de dialetos sociais ou variações linguísticas. Como nos exemplos:

Ex. 6: É ultrajante. *Onde passa um boi passa a boiada.* (CL10).

Ex. 7: Exatamente como aquele abordado em 2006, na lembrança dos “alopradados” do PT. Quatro anos mais tarde, ninguém foi preso. (CL07).

No que diz respeito à pessoalização, o próprio nome do gênero nos remete que o ‘autor’, a própria voz da revista, se reporte ao seu interlocutor com formas mais pessoais, tratando-o com as pessoas do discurso (você, o senhor, o caro leitor) e, como podemos observar nas cartas, não é isso que acontece. É evidente que o discurso em questão pretende atingir o seu público leitor, contudo, a pronominalização ou outras construções que busquem tornar o autor íntimo de seu leitor não estão presentes no gênero.

6.3.5 Valores ou discursos em confronto

Nesse caso, o autor traz para dentro de seu texto dois ou mais discursos que estão em confronto, e conseqüentemente dialogando entre si. O confronto entre valores ou discursos pode se dar entre o discurso pessoal e coletivo ou entre o discurso público e privado, como vemos no exemplo abaixo:

Ex. 8: Uma reportagem especial desta edição trata da decisão da Agencia Nacional da Vigilância Sanitária (ANVISA), ainda não oficializada, de banir do mercado brasileiro a venda de remédios para emagrecer que atuam no sistema nervoso central. *A alegação é que os riscos de complicações cardíacas superem os benefícios proporcionados por esses medicamentos.* No entanto, o que os profissionais ouvidos por VEJA afirmam é que a ANVISA está confundindo efeitos colaterais, que todos os remédios têm, com contra indicações específicas para cada grupo de pacientes. (CL06).

6.3.6 Antecipação da reação-resposta do outro

São perguntas pelas quais o autor-criador busca antecipar a reação-resposta do interlocutor, questionando-o e já, por sua vez, respondendo-o por meio de seus argumentos. As

questões não apenas enfatizam a posição de autoria frente ao que discute, como também, procuram convencer o interlocutor acerca dos fatos que expõe. São exemplos:

Ex. 9: *Mas quais seriam as opções? Não publicar? Só publicar depois das eleições?* Essas não são opções válidas no mundo do jornalismo responsável, a atividade dedicada à busca da verdade e sua revelação em benefício do país. (CL03).

Ex. 10: *É correto dar a um ex-primeiro-mandatário compensação em dinheiro para o resto da vida?* Na teoria e quando se tem como certo que, depois de ocuparem o mais alto posto da hierarquia política, os ex-presidentes vão se retirar das elites eleitorais e partidárias, buscando maneiras mais alternativas de servirem ao país, a resposta só pode ser “sim”. Mas a melhor resposta seria “não” quando se sabe que, desde a redemocratização, só Fernando Henrique Cardoso não postulou mais cargos na política depois de deixar o planalto. (CL10).

6.4 Projeções estilístico-composicionais

Antes de darmos início às análises, discorreremos um pouco sobre o que venha a ser estilo. Para Bakhtin (2003, p.283) “o estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso”. O enunciado oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação discursiva é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala ou escreve, em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, os mais propícios são os gêneros literários.

Cada esfera conhece gêneros apropriados a suas especificidades, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função seja ela científica, técnica, religiosa, oficial, cotidiana, somada às condições específicas de cada uma das esferas da comunicação, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal.

Com base em todas essas considerações Brait (2005, p. 83) confirma a ideia de que o estilo, longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos

historicamente situados. Sob essa perspectiva, em nosso estudo sobre o gênero *carta ao leitor*, da revista *Veja*, encontramos as seguintes regularidades estilístico-composicionais:

6.4.1 Autorreferenciação institucional

São recursos lexicais utilizados para produzir uma referência direta à revista *VEJA*, valorando sempre a opinião desta em relação aos enunciados produzidos. São exemplos:

Ex. 1: O repórter Leonardo Coutinho, de 34 anos, onze deles em *VEJA*, decidiu esmiuçar a notícia. (CL01).

Ex. 2: Uma reportagem desta edição de *VEJA* revela que Israel Guerra, filho de Erenice Guerra, braço direito de Dilma Rousseff enquanto ela foi a incontestável ministra-chefe da Casa Civil [...]. (CL03).

Ex. 3: Erenice Guerra seguiu o roteiro previsto. Jurou inocência apesar de todas as provas materiais em contrário, afirmou que era vítima de uma conspiração e, obedecendo a cartilha da impunidade, atacou o mensageiro, a revista *VEJA*, cujos profissionais ela caluniou por escrito em um papel timbrado da presidência da República. (CL07).

6.4.2 Modalização

Segundo Rodrigues (2007, p. 1742), os indicadores modais apresentam-se materializados nas relações dialógicas entre os enunciados do autor e os da reação-resposta do leitor. Em adição a esse estudo, Acosta-Pereira (2008, p.145) coloca que os indicadores ou marcadores modais são recursos léxico-fraseológicos que sinalizam recortes valorativos de possibilidade, probabilidade, capacidade, sugestão, conclusão, proibição, dever, conselho, dúvida, necessidade, direcionando a contrapalavra do interlocutor. São exemplos:

Ex. 4: De acordo com a Polícia Federal, não é improvável que extremistas islâmicos possam protagonizar atentados durante a realização de tais eventos no Brasil.

Ex. 5: Melhores conhecedores da alma humana vão dizer, não sem razão: Volte daqui a dois anos e eles estarão tentando devorar uns aos outros. Pode ser. (CL05).

Ex. 6: Sua vida é uma prova de que outros brasileiros podem muito bem ser os primeiros em profissões do futuro que estão agora no mesmo patamar da computação gráfica vinte anos atrás. (CL08).

6.4.3 Retomada/Reenuniação de gêneros outros publicados na revista

Por meio de recursos lexicais, o autor-criador retoma matérias anteriores, em especial reportagens, seja com o intuito de esclarecimento de alguma questão ou simplesmente, fazer uma propaganda de alguma seção da revista, ou, ainda, se defender de ataques feitos às reportagens anteriores. Essa relação dialógica com outros enunciados faz com que o autor vá construindo seu objeto de discurso, ancorado no enunciado de outrem e também na posição responsivo-ativa a esses enunciados.

Ex. 7: Uma reportagem desta edição de VEJA mostra que a festa acabou, e a conta amarga acaba de chegar na forma de bombas inflacionárias de efeito retardado. (CL02).

Ex. 8: A publicação da reportagem a vinte dias do primeiro turno das eleições fará brotar acusações de que o objetivo é prejudicar a candidata oficial, Dilma Rousseff. (CL03).

Ex. 9: Uma reportagem especial desta edição trata da decisão da Agencia Nacional da Vigilância Sanitária (ANVISA), ainda não oficializada, de banir do mercado brasileiro a venda de remédios para emagrecer que atuam no sistema nervoso central. (CL06).

6.4.4 Marcadores avaliativos

Para Acosta-Pereira (2008, p. 140), marcadores avaliativos, sob a perspectiva bakhtiniana, são expressões que direcionam axiologicamente a posição do autor-criador diante dos enunciados que produz, essa direção/orientação é relativa ao horizonte temático e perpassa o projeto discursivo. Essas expressões são adjetivações, adverbializações ou outros recursos fraseológicos utilizados para demonstrar a avaliação do autor frente ao tema seguindo as orientações intencionais do gênero. Vejamos alguns exemplos abaixo:

Ex. 10: Uma reportagem desta edição de VEJA mostra que a festa acabou, e a conta amarga acaba de chegar na forma de bombas inflacionárias de efeito retardado. (CL02).

Ex. 11: Sua ambição parecia tão quixotesca quanto almejar ser um astronauta da NASA. (CL08).

Ex. 12: A esses 44 milhões de eleitores insatisfeitos, a presidente eleita Dilma Rousseff, em pronunciamentos e entrevistas, vem transmitindo mensagens alvissareiras. (CL04).

6.4.5 Movimentos de assimilação do leitor

São determinados recursos da língua, que buscam construir uma orientação ou referência direta ao leitor. Geralmente são verbalizações, substantivações ou pronominalizações diretamente relativas ao interlocutor-leitor. (ACOSTA-PEREIRA 2008, p. 137).

Ex. 13: É de se perguntar se teria sido saída caso não estivéssemos a duas semanas da eleição presidencial. (CL07).

Com base em tudo que foi exposto, concluímos com essas análises que cada gênero do discurso apresenta particularidades típicas, não apenas referentes à situação de interação da qual o gênero significa, como também, ao seu horizonte temático e ao seu estilo. O gênero *carta ao leitor* é um enunciado típico da esfera do jornalismo impresso, que se apresenta essencialmente valorativo, dialógico e saturado de posições, projeções e recortes de fatos do cotidiano.

7. Considerações finais

Concomitante às transformações sociais, estão os gêneros e, portanto, sua plasticidade e dinamicidade fazem com que variem conforme as circunstâncias (BAKHTIN, 2003). Em vista disso, as esferas sociais estão intimamente ligadas à questão dos gêneros e, por isso, o gênero *Carta ao Leitor* foi apresentado e analisado com base na esfera social a qual pertence, a jornalística.

Em relação aos resultados da pesquisa, podemos compreender que nas *cartas ao leitor* publicadas na revista *Veja* impressa, o autor-criador enuncia diferentes eventos, discursivizando sobre fatos sociais do cotidiano do país (plano público), ou no plano social das relações interpessoais (plano pessoal/privado). Além disso, observamos que, neste gênero, há a presença de marcas de discurso direto, indireto e bivocal, projetados e recortados ideológico e axiologicamente no discurso do autor.

As projeções estilístico-composicionais da *Carta ao leitor*, por sua vez, se entrecruzam na materialidade do gênero por meio da autorreferenciação institucional, da modalização, da retomada-reenuniação de gêneros publicados na revista, marcadores avaliativos, e do movimento de assimilação do leitor. Compreendemos que essas marcas relativamente regulares da composicionalidade linguístico textual não apenas significam o gênero, como também o regulariza e o legitima em sua esfera e em seu veículo de produção e circulação.

Assim, a presente investigação nos possibilitou a compreensão dos gêneros do discurso como enunciados que relativamente estabilizam e normatizam nossas práticas interacionais e

nossas relações interpessoais, e ainda como a *carta ao leitor* é construída, para assim então, produzir os efeitos de sentidos desejados.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. **O Gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração**. Dissertação de Mestrado. PGLg. UFSC. Florianópolis, 2008.

BAKHTIN, M. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7. Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: Conceitos-chave**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Análise e Teoria do Discurso**. In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

_____. **Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A abordagem de Bakhtin**. In: Meurer, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. Gêneros – Teorias, Métodos e Debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

_____. **A teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin no horizonte dos estudos da Linguística**. Anais do IV Siget. Tubarão, SC: UNISUL, 2007.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas**. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

ROHLING DA SILVA, N. **O Gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.